

A AQUISIÇÃO GRÁFICA DAS SOANTES PALATAIS: UM ESTUDO ACERCA DA RELAÇÃO FONOLOGIA - ORTOGRAFIA

Shimene de Moraes Teixeira(PIBIC/UFPel)

Natália Devantier de Oliveira(PIC/UFPel)

1. Introdução

Este estudo se propõe a descrever e analisar os erros referentes à grafia das soantes palatais encontrados em textos produzidos por crianças das séries iniciais. Os erros ortográficos serão analisados como indícios que podem nos revelar um pouco do conhecimento das crianças acerca da fonologia da sua língua, neste caso, o português brasileiro.

A fonologia das soantes palatais tem suscitado discussões acerca de sua representação. De acordo com Wetzels(2000), esses segmentos seriam consoantes geminadas, devido ao fato de apresentarem comportamento diferente daquele apresentado pelas outras soantes. Por outro lado, Matzenauer(1994), com base na fonologia autosegmental, interpreta tais soantes como segmentos que possuem estruturas complexas.

No que diz respeito à representação ortográfica dessas consoantes, temos no sistema ortográfico a estipulação dos grafemas 'nh' e 'lh' para representar graficamente as soantes palatais nasais e líquidas, respectivamente.

Estudos sobre a aquisição da fonologia (cf.Lamprecht, 2004) evidenciam certa hierarquia na aquisição dos segmentos da língua e mostram que a palatal nasal é adquirida pelas crianças por volta de 1:7, enquanto a palatal líquida, em torno do quatro anos de idade. Matzenauer (1994), em seu estudo sobre a aquisição de tais segmentos, descreve as estratégias utilizadas pelas crianças em seu desenvolvimento fonológico, as quais se assemelham àquelas verificadas em dados de aquisição da escrita.

Salientamos que, embora a incidência de erros encontrados tenha sido baixa, os dados obtidos nos oferecem indícios para que possamos refletir sobre as relações existentes entre a fonologia e a ortografia.

2. Algumas considerações teóricas

2.1. Fonologia e Ortografia: possíveis relações

A partir dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1984) sobre a psicogênese da língua escrita, muito se descobriu acerca do pensamento infantil frente ao novo objeto de conhecimento com o qual se depara, a língua escrita. Sabe-se que a criança age sobre a língua de maneira, muitas vezes, consciente e reflexiva, levantando hipóteses para as construções que realiza.

Vários estudos que têm como foco a aquisição da escrita visam desvelar as relações entre o conhecimento fonológico da criança e as suas realizações escritas através de pistas que emergem dos erros encontrados nas produções escritas infantis (cf. Abaurre, 1991, 1999; Chacon, 2007, 2008; Miranda, 2006, 2007, 2008).

Ao estudarmos os processos fonológicos ocorridos no processo de aquisição fonológica das soantes palatais, analisamos os erros encontrados nas produções escritas infantis por nós estudadas, tentando estabelecer relações entre esses dois processos de aprendizagem que, por distintos que pareçam, apresentam uma relação importante à medida que a criança lança mão do conhecimento já construído durante a aquisição lingüística, para sanar os conflitos existentes no período de aprendizagem da língua escrita.

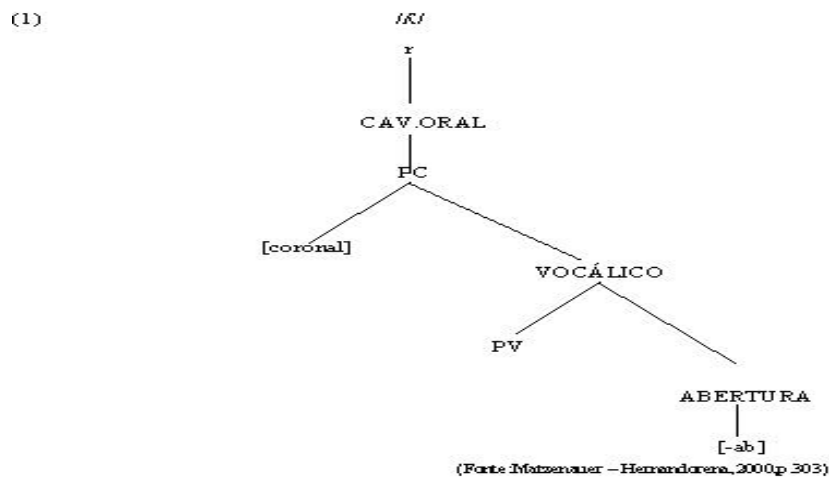
2.2. Consoantes geminadas ou segmentos complexos?

Considerando que as soantes palatais se comportam de maneira diferenciada em se comparando a outros segmentos da língua, estudos vêm sendo feitos para tentar definir o status fonológico dessas soantes. Apresentaremos então, as duas propostas disponíveis na literatura consultada para análise de tais segmentos.

A proposta de Wetzels (2000, pg.6) interpreta as soantes palatais como consoantes geminadas, segmentos que apresentariam dois tempos fonológicos ligados a um único nó de raiz. Os argumentos utilizados pelo autor para defender tal proposta constroem-se a partir de três aspectos que, segundo ele, são caracterizadores dessas soantes:

- a) estão limitadas à posição intervocálica, em se considerando a sua distribuição no sistema;
- b) desencadeiam, obrigatoriamente, no caso da nasal palatal, a nasalização alofônica da vogal precedente, em virtude de a primeira parte da consoante palatal, que é por hipótese, uma consoante dupla, já ocupar a segunda posição de rima da sílaba imediatamente precedente;
- c) bloqueiam a passagem do acento para a sílaba anterior àquela que contém a palatal na rima.

Já a proposta defendida por Matzenauer (1994) interpreta tais segmentos como consoantes complexas por apresentarem em sua geometria de traços duas articulações, uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica, como pode ser observado na representação em (1). O fato de serem constituídas por dois nós explica o comportamento dessas soantes, diferente daquele observado no comportamento de segmentos da língua que possuem somente uma articulação.



2.3. Aquisição Fonológica das Soantes Palatais

Conforme a criança vai adquirindo os segmentos da língua de maneira gradual, partindo dos menos complexos para os mais complexos, dos não-marcados para os marcados, vai utilizando estratégias que revelam inúmeros processos fonológicos. Matzenauer (2000), em seu estudo sobre a aquisição do [ɲ] e do [ʎ], mostrou as variações existentes nas produções dessas soantes palatais no que diz respeito a diferentes faixas-etárias. Os dados registram para a nasal palatal, que já está adquirida aos 2:0, as variantes [ɲ] ~ [ø] ~ [y] ~ [n]; e para a lateral palatal, que tem seu processo de aquisição estabilizado por volta de 4:0, as variantes [ʎ] ~ [ø] ~ [l] ~ [y] ~ [ly] ~ [li]. As produções das crianças por ela estudadas estão exemplificadas em (2) e (3):

(2) [ɲ] ~ [ø] ~ [ỹ] ~ [ɳ]

sombrinha [sõm'biña]

minhoca [mi'oka]

xicrinha [si'kiya]

desenhar [deze'na]

(3) [ʎ] ~ [ø] ~ [l] ~ [y] ~ [ly] ~ [li]

telhado [te'kadu]

palhaço [pa'asu]

espelho [i'pelu]

vermelha [ve'meya]

folha ['folya]

orelha [o'relia]

3. Metodologia

Neste estudo foram analisados dados extraídos de textos produzidos por crianças de 1ª a 4ª série dos anos iniciais com idades entre 6 e 12 anos. Os textos foram coletados através de Oficinas de Produção Textual que visavam à obtenção de textos criativos e espontâneos. Todas as atividades de escrita foram precedidas por um aquecimento, através de atividades de pré-leitura e de debates que estimularam a criatividade e a espontaneidade nas produções. O Banco de Aquisição da Escrita (FAE/UFPel), de onde foram extraídas as produções estudadas, possui, aproximadamente 2020 textos. Para o presente trabalho, foram analisados 954 textos referentes a cinco das dez coletas realizadas: 485 de uma escola particular e 479 de uma escola pública, ambas situadas na zona central da cidade de Pelotas, RS.

Após serem extraídas dos textos todas as palavras que apresentavam contexto para a grafia do dígrafo 'nh' e 'lh', foi feita a classificação dos erros ortográficos encontrados, os quais foram divididos em dois grupos:

→ Erros relacionados a falhas do conhecimento relativo à representação dos sons e/ou uso dos dígrafos: neste grupo foram classificados erros relacionados ao apagamento de uma das letras que compõem o dígrafo, assim como a troca na representação gráfica de [ɲ] e [ʎ], como mostram os exemplos a seguir:

'filho' → 'finho'

'palha' → 'paha'

→ Erros que evidenciam processos fonológicos: esta categoria é composta por todos os erros que guardam semelhanças com os processos fonológicos estudados por Matzenauer (1994). Conforme mostram os exemplos a seguir:

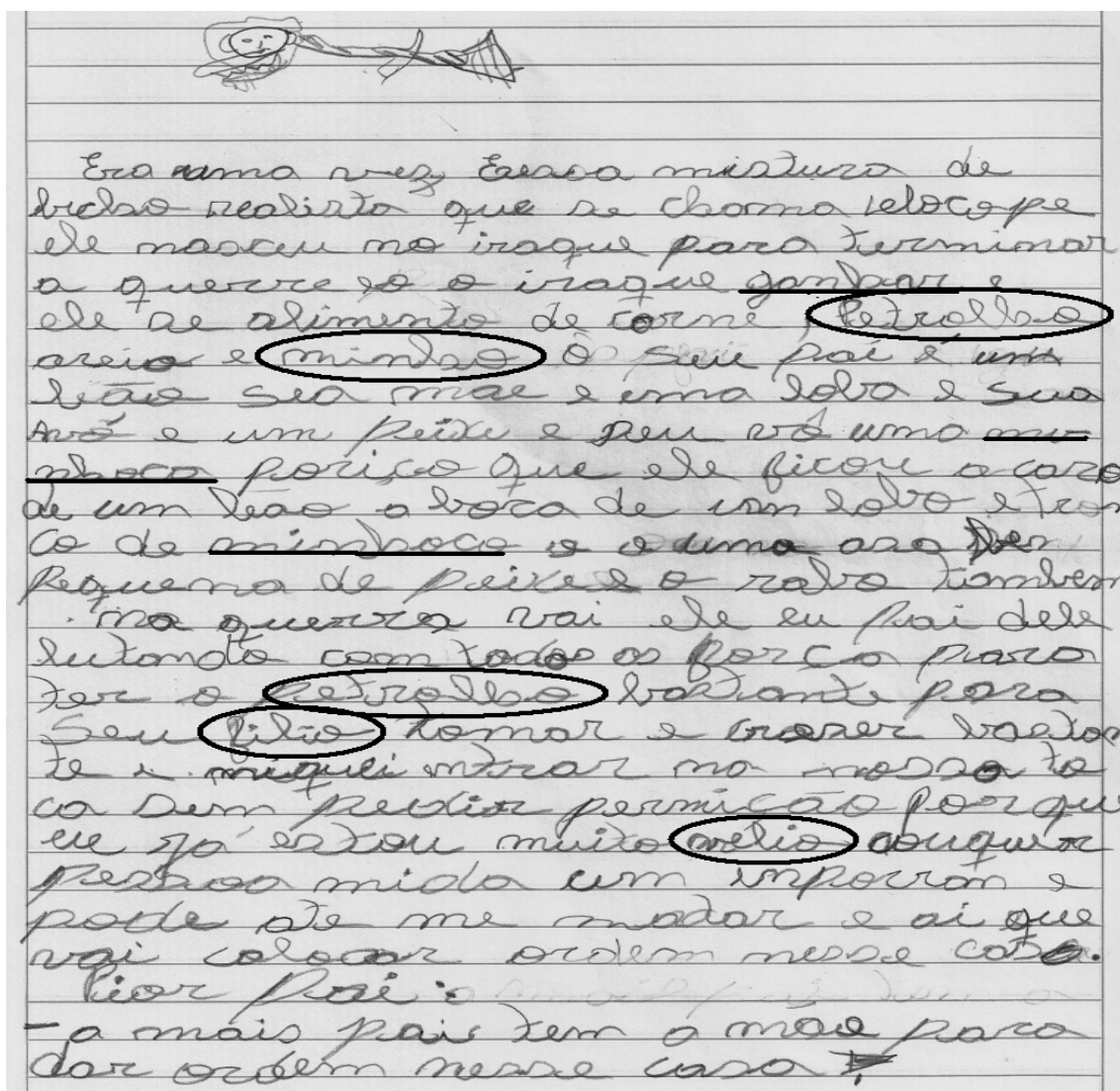
'vermelho' → 'vemelio'

'porquinho' → 'porquino'

4. Os dados de escrita

Antes de apresentarmos a análise quantitativa de erros relativos à grafia das soantes palatais, reproduzimos em (4) um texto produzido por um aluno de 4ª série.

(4)¹



Era uma vez essa mistura de bicho realista que se chama velocope ele nasceu no iraque para terminar a guerra e o iraque ganhar e ele se alimenta de carne, petróleo, areia e milho o seu pai é um leão sua mãe é uma bola e sua vó é um peixe e seu vó uma minhoca por isso que ele ficou com a cara de um leão e a boca de um lobo e tronco de minhoca e uma asa bem pequena de peixe e o rabo também. Na guerra vai ele e o pai dele lutando com todos as forças para ter o petróleo bastante para seu filho tomar e crescer bastante e ninguém entrar na nossa toca sem pedir permissão porque eu já estou muito velho qualquer pessoa me dá um empurrão e pode até me matar e aí que vai colocar ordem nessa casa. Pior pai: Ah, mas pai, tem a mãe para dar ordem nessa casa.

Figura 4 – Texto scaneado de um aluno da 4ª série.

A partir desta produção textual de um aluno da escola pública, podemos ilustrar um comportamento que revela as incertezas das crianças na hora em que elas têm de grafar palavras que contêm dígrafos ‘nh’ e ‘lh’. Na grafia da palavra ‘milho’, por exemplo, a criança grafou a palatal nasal ao invés da líquida [ʎ]. Um dado como este pode significar alguma dificuldade na representação gráfica dos sons [ɲ] e [ʎ] ou uma confusão quanto à utilização dos dígrafos ‘nh’ e ‘lh’. Ao nos depararmos, porém, com as grafias das palavras ‘ganhar’ e ‘minhoco’, corretamente grafadas, podemos pensar que tal aluno está com dificuldade na grafia de palavras com a soante palatal líquida, pois há outros erros que podem estar relacionados a aspectos de ordem fonológica, com nos casos em que ‘filho’ passa para ‘filio’ e ‘velho’ passa para ‘velio’.

¹ Tradução do texto: Era uma vez essa mistura de bicho realista que se chama velocope ele nasceu no Iraque para terminar a guerra e o Iraque ganhar e ele se alimenta de carne, petróleo, areia e milho o seu pai é um leão sua mãe é uma bola e sua vó é um peixe e seu vó uma minhoca, por isso que ele ficou com a cara de um leão e a boca de um lobo e tronco de minhoca e uma asa bem pequena de peixe e o rabo também. Na guerra vai ele e o pai dele lutando com todos as forças para ter o petróleo bastante para seu filho tomar e crescer bastante e ninguém entrar na nossa toca sem pedir permissão porque eu já estou muito velho qualquer pessoa me dá um empurrão e pode até me matar e aí quem vai colocar ordem nessa casa. Pior pai: Ah, mas pai, tem a mãe para dar ordem nesta casa. As palavras grafadas corretamente foram sublinhadas e aquelas que apresentaram erros referentes à grafia dos dígrafos foram circuladas.

A computação geral dos erros encontrados nos textos produzidos por crianças das duas escolas já mencionadas está apresentada nos gráficos que estão a seguir, os quais ilustram as diferenças quantitativas entre os erros referentes à grafia do ‘lh’ e do ‘nh’.

Erros relacionados à grafia do ‘lh’

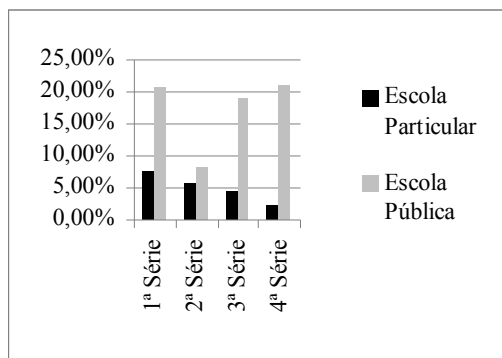


Figura 5 – Percentual de erros relacionados à grafia do ‘lh’

Erros relacionados à grafia do ‘nh’

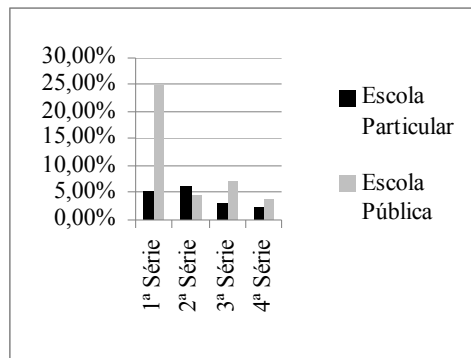


Figura 6 – Percentual de erros relacionados à grafia do ‘nh’

A primeira observação que podemos fazer sobre os gráficos recém apresentados é relativa à diferença de desempenho das crianças da escola pública quando comparadas às da escola particular, no que se refere ao número de erros encontrados. Há um número sempre maior de erros nos dados da escola pública. De modo geral, a diferença é bem acentuada em relação às grafias de ‘lh’, possivelmente em decorrência do acesso precoce das crianças da escola particular a práticas de letramento mais frequentes.

Já caso dos erros relativos à grafia do ‘nh’, nota-se que a diferença maior ocorre somente na primeira série da escola pública, equilibrando-se nas demais séries, com exceção da segunda série da escola particular em que há um acréscimo no número de palavras grafadas erradas em relação à escola pública. Esse dado chama nossa atenção pelo fato de o número de palavras corretas, grafadas com os dígrafos ‘nh’ e ‘lh’ ter sido sempre maior na escola particular ocorrendo uma inversão apenas nesta série, em que na escola pública há um total de 325 palavras grafadas com o dígrafo ‘nh’ de acordo com a norma e apenas 15 erros, ao passo que na escola particular, 268 palavras grafadas com ‘nh’ e 17 erros.

As tabelas, apresentadas a seguir mostram o tipo de erro encontrado na grafia de cada uma das soantes analisadas de acordo com a escola estudada.

4.1. Erros relacionados a falhas do conhecimento relativo à representação dos sons e/ou uso do dígrafo

4.1.1. Erros referentes à grafia do [ɲ]

Escola Particular:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
<u>‘nh’ → ‘lh’</u>	∅	∅	∅	galilha
<u>‘nh’ → ‘h’</u>	∅	mihoca (2) tiha camiho vovoziha	∅	∅
Outros	brunha (bruxa) (2) sem nhor	∅	galemho golfim (golfinho) (2)	∅

Escola Pública:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
<u>‘nh’ → ‘lh’</u>	camin lho	mil ha chapeuz ilho (5)	estral ho mil ha (3) tel ho (2)	∅
<u>‘nh’ → ‘h’</u>	cam ih o docam ih o	∅	∅	g ah o m ih oca
Outros	chapes imho (2) chapeuz imho	∅	net imha lem h ador ten lho	∅

Em relação à grafia das nasais palatais, foram encontrados erros nos textos das crianças de ambas as escolas, como mostraram os gráficos recém apresentados. É na terceira série da escola pública que se observa o maior número de erros nos quais há a troca entre a nasal e a líquida. Diante dessa constatação, pode-se pensar que as crianças da terceira série estão trocando as grafias de ‘nh’ para ‘lh’ e vice-versa.

Os demais casos dizem respeito à grafia de apenas o segundo elemento do dígrafo, troca de uma das letras ou ainda casos em que a criança encontra-se em conflito a respeito de como grafar palavras que contêm um dígrafo, como o exemplo de ‘tenlho’ e ‘brunha’ para ‘tenho’ e ‘bruxa’².

4.1.2. Erros referentes à grafia do [ʎ]³

Escola Particular: Convém ressaltar o fato de a escola particular não apresentar erros relativos a esta categoria.

Escola Pública:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
<u>‘lh’ → ‘nh’</u>	Fin ho	espant anho (2) ¹	min ho baron hos fin ho (2) mon ha espant anho (2) min harau	pan ha min ho
<u>‘lh’ → ‘h’</u>	∅	p ah a(3)	me h or espant ah o ata h o	trab ah o

Na escola pública, a incidência de erros é baixa, verificando-se a preferência pelo uso do ‘nh’ em vez de ‘lh’, novamente nos dados da terceira série. Esse resultado precisa ser melhor avaliado, uma vez que a expectativa seria a de que na terceira série as crianças já tivessem domínio do uso dos dígrafos. Observam-se também casos de palavras em que a criança grafava apenas um dos elementos da sequência.

² Aqui estamos considerando a possibilidade de a criança querer utilizar o ‘ch’ para a grafia do fonema /ʃ/, uma vez que ‘x’ e ‘ch’ são grafemas concorrentes, o que faz com que erros deste tipo sejam muito comuns no processo de aquisição ortográfica.

³ Não foram encontrados erros deste tipo envolvendo o ‘lh’ nos dados da escola particular.

4.2. Erros que evidenciam processos fonológicos

4.2.1. Erros referentes à grafia do [ɲ]

Escola Particular:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
'nh' → 'n'	porquino chapelzino	passarinos pouquino sosino (2)	pouquino	patino dineiro
<u>Inserção</u>	∅	∅	vinheram	conhecidencia venho
'nh' → ∅	glia(galinha) tião(tinham) porquio	tiam	passarios	devagario
<u>Outros</u>	valia (varinha)	passarimeo(4) baninho camilando nil(ninho)	∅	∅

Escola Pública:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
'nh' → 'n'	tina bolino	chapeuzina tina	chapezino caminando mina cavalino leneador	minocas
<u>Inserção</u>	quenhe(2)	venho(2) inham quenhe	querinham cominham veinho minhau	sentinham manhor menho(2)
'nh' → ∅	chapesiu(2) tião(tinham)	mia(minha) tião	eteun(e tenho) teun(tenho)	∅
<u>Outros</u>	∅	capinhar(capinar)	∅	∅

4.2.2. Erros referentes à grafia do [ʎ]

Escola Particular:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
'lh' → 'li'	vemelia vermelia olios	palia palias espantailio	melior atalio(2) coelinha filinho	∅
'lh' → l (a,o,u)	olos	vremelo (2)	filo	velas(velhas)
'lh' → le - <u>Supergeneralização</u>	∅	espantaleo mileo	∅	melehor
<u>Outros</u>	∅	vermeiro telhevisão	familha	le (lhe)

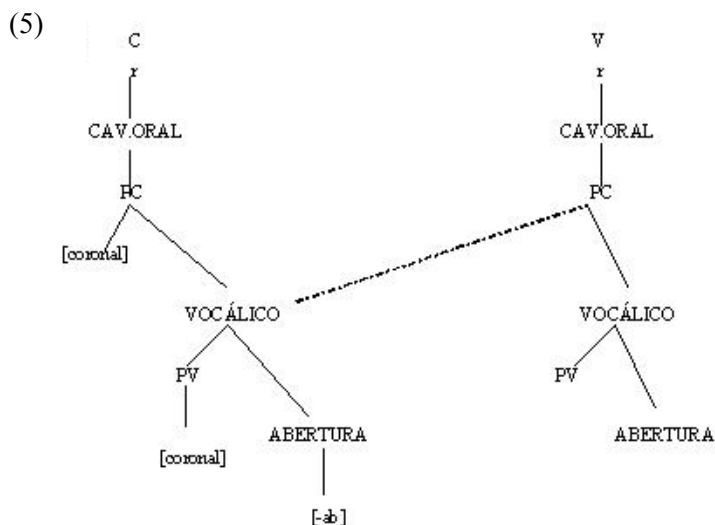
Escola Pública:

Tipo de Erro	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
<u>'lh' → 'li'</u>	bolino vemelio	palia(2) espalia(6) milio(2)	filio velio orgulio espantolio	espantolio(6) achulia(agulha) velinha agulia li(lhe)
<u>'lh' → l(a,o,u)</u>	zemelu(3)	olo fila olando	espantalo	espantalo trabalo
<u>'lh' → le - Supergeneralização</u>	∅	meleorou	vermeleo(4) meleor	∅
<u>Outros</u>	vermeo mero(melhor)	brulha(bruxa) balhem(baile) fio filh(filho) espantano	∅	le(lhe)

Nos dados recém apresentados, temos aqueles que parecem não deixar dúvidas em relação à sua motivação fonológica, especificamente os casos em que 'lh' → 'li'; e outros que podem ser interpretados de duas formas: tomados como decorrentes da fonologia ou relacionados à ortografia. Essa possibilidade interpretativa surge à medida que confrontamos os erros apresentados nos quadros 4.2.1 e 4.2.2, especialmente aqueles em que o aprendiz grafou apenas o 'h' com estes em que grafou apenas o 'l' ou o 'n'.

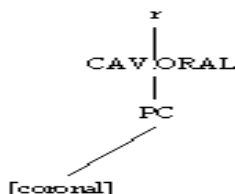
A partir dos erros apresentados acima, podemos refletir a respeito da possível relação entre os processos fonológicos ocorridos durante a aquisição da linguagem e os erros ortográficos da aquisição da escrita, focalizados neste estudo.

Adotando a proposta da teoria autosegmental é possível dar conta de casos em que [ʎ] passa para [li], encontrados tanto na produção oral das crianças pequenas como nas escritas iniciais, quando há a substituição de 'lh' por 'li'. A opção pela seqüência de líquida mais vogal seria, de acordo com Matezenauer (2000, p.306), “decorrente de um processo de espraiamento da articulação secundária de [ʎ] para o nó de ponto de consoante (PC) do segmento vocálico subsequente”, conforme expresso na representação em (5).



Já para os casos em que [ɲ] e [ʎ] são substituídos por [n] e [l], respectivamente, a criança não estaria ligando a constrição secundária vocálica à estrutura do segmento, apresentando apenas a constrição primária consonantal, como pode ser observado em (6).

(6)



Ao observar certa tendência dos falantes da língua em evitar o hiato, muitas vezes transformando-o em ditongos crescentes, como é o caso das palavras ‘teatro’ e ‘rio’, produzidas como ‘t[ʃa]tro’ e ‘r[ju]’, respectivamente, interpretamos os casos em que ocorre a inserção do dígrafo ‘nh’ entre a seqüência de vogais, como indícios de tal preferência lingüística. A criança optaria pela seqüência CV.CV⁴ para evitar o hiato, como é o caso das palavras ‘veio’ que passa para ‘venho’ e ‘iam’ que passa para ‘inham’.

Convém ainda ressaltar que, nos dados estudados, tal inserção ocorre na maior parte das vezes, com exceção da palavra ‘veio’, em palavras que possuem uma consoante nasal próxima ao ditongo, o que nos leva a outra possibilidade interpretativa, isto é, podemos pensar que a epêntese é também motivada por um processo assimilatório.

5. Conclusão

Os estudos que temos realizado sobre as grafias produzidas por crianças em fase de aquisição da escrita, referentes à representação escrita das soantes palatais, têm mostrado que a incidência de erros não é alta. Os erros encontrados, no entanto, parecem oferecer algumas evidências para que argumentemos em favor da proposta que considera as soantes palatais como segmentos complexos, uma vez que as estratégias utilizadas pelos sujeitos de nosso estudo assemelham-se àquelas observadas por Matzenauer (1994) em seus estudos sobre a aquisição fonológica das palatais.

Não podemos deixar de salientar, porém, que este é ainda um estudo preliminar e somente com o seu desenvolvimento poderemos compreender melhor as estratégias utilizadas pelas crianças assim como a relação que se estabelece entre o conhecimento fonológico infantil e os erros ortográficos produzidos no processo de aquisição do sistema de escrita da língua.

6. Referências Bibliográficas

CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.223-232, 2004.

CHACON, Lourenço. Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CHACON, Lourenço. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre os constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. 2007. (a sair)

⁴ A estrutura silábica CV (consoante-vogal) trata-se do padrão universal de sílaba.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1984], 1999.

FREITAS, Gabriela. C. M. *Sobre a consciência fonológica*. In: **Aquisição Fonológica do Português**: Perfil de Desenvolvimento e Subsídios para Terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HERNANDORENA, Carmen L. M. *A Geometria de Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português*. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v.29, nº4, p.1-167, dezembro 1994.

_____. *Aquisição da Fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais*. In: **Aquisição da Linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. *A construção da fonologia no processo de aquisição da língua*. In: **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira**: Aspectos fonético-fonológicos. Pelotas: EDUCAT, 2001.

_____. *As soantes palatais no português brasileiro: uma discussão sobre seu status fonológico*. In: **Estudos de Gramática portuguesa**/Ebehard Gärtner...(ed.).- Frankfurt am Main: TFM. vol.13.- 2000.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1982.

MIRANDA, Ana Ruth. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português. **Anais da ANPESul** – UFSM, Santa Maria, 2006.

MIRANDA, Ana Ruth. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. **Revista Letras** (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008a.

MIRANDA, Ana Ruth. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil**, Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008b (no prelo)